

Rebaixamento Por Antigüidade

RUBEM BRAGA

ESCREVI, nesse número de «Manchete» que está nas bancas, um artigo sobre a candidatura de Joel Silveira à presidência do Sindicato dos Jornalistas do Rio. A propaganda eleitoral era dispensável, porque Joel vai ser eleito mesmo. Eu apenas quis, além de prestar homenagem a um velho amigo e colega, na hora em que ele se decide a aceitar um formoso abacaxi, levantar algumas questões que interessam à classe, ou a algumas de suas categorias.

No primeiro caso está a construção do Hospital dos Jornalistas. Não é este o momento de estudar os meios de que deveríamos lançar mão para construir, equipar e manter em bom funcionamento esse hospital. Outra questão que levanto, está no seguinte trecho de minha crônica: «Conheço o caso, por exemplo, de um profissional que trabalha há cerca de 13 anos em uma revista, e está com seu salário congelado desde setembro de 1965. Os 400 contos que ele ganha hoje não valem a metade dos 400 contos que ele ganhava em setembro de 1965; tudo aumentou, inclusive o preço da revista, que dobrou. De que valem diante disso a estabilidade e outros direitos assegurados por lei?»

E mais adiante, falando do mesmo profissional: «O congelamento do seu salário, por avareza ou capricho do patrão, é uma burla a todo o espírito da legislação trabalhista. Pois nessa burla, o patrão está protegido pela lei, ou melhor, pela omissão da lei».

A direção de «Manchete» teve a elegância realmente admirável de publicar isso, embora sabendo, é claro, que eu estava expondo como exemplo a minha situação naquela revista. Não tive, aliás, nenhuma surpresa, porque ainda recentemente, a mesma revista acolheu em suas páginas, uma reclamação, bem humorada, mas positiva, no mesmo sentido, do meu colega Paulo Mendes Campos, cuja remuneração está igualmente congelada. Louve-se o liberalismo desses homens de empresa, já que é difícil louvar sua liberalidade...

Convém esclarecer que não pleiteio um dispositivo de lei que exija liberalidades do empregador. Não quero que ele seja obrigado a aumentar o salário do empregado com quem não simpatiza. Não se trata de aumento. Trata-se apenas de garantir a manutenção do mesmo salário real, através do reajustamento do salário nominal.

Admito que não mereço aumento algum, e não pleiteio isso. Não pretendo participar da esplêndida prosperidade da empresa, em admirável expansão, embora faça votos para que ela se afirme e se acelere; alegro-me sinceramente com isso, porque tanto no campo da empresa privada como da administração pública, me dá gosto ver arrôjo, capacidade, espírito de iniciativa. Tudo o que modestamente tenho pleiteado, sempre em vão, é que me paguem o bastante para que eu possa comprar hoje os mesmos quilos de carne e os mesmos maços de cigarros que eu comprava há dois anos; não quero ser promovido, quero apenas não ser rebaixado por antigüidade...

O que pleiteio no artigo não é, de resto, a solução de um caso pessoal. É o estudo de uma reforma da legislação trabalhista para tornar impossível esse tipo de discriminação, que afeta, de preferência, o empregado estável, não apenas nas empresas jornalísticas como em outras empresas comerciais e industriais. O que pleiteio é uma lei que impeça esse tipo de espoliação do economicamente mais fraco pelo mais forte.

No dia em que tivermos sindicatos trabalhistas livres, sem politiquieiros nem demagogia, mas sérios atuantes, será mais fácil estudar e resolver problemas como esse. Para começo de conversa, vamos votar em Joel Silveira...